

MODELOS MENTAIS NO DISCURSO JORNALÍSTICO E DO FACEBOOK: A (RE)PRODUÇÃO DE SABERES SOBRE O CASO #OCUPEESTELITA

MODELOS MENTALES EN EL DISCURSO PERIODÍSTICO Y DEL FACEBOOK: LA
(RE)PRODUCCIÓN DE SABERES SOBRE EL CASO #OCUPEESTELITA

MENTAL MODELS IN JOURNALISTIC DISCOURSE AND ON FACEBOOK: THE
(RE)PRODUCTION OF KNOWLEDGE ABOUT #OCUPEESTELITA

Laura Jorge Nogueira Cavalcanti*

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: Neste trabalho examinamos comentários em resposta a uma postagem do Movimento #OcupeEstelita no *Facebook* e duas matérias jornalísticas para compreender as relações cognitivo-discursivas construídas entre diferentes grupos sociais. Partimos da perspectiva sociocognitiva proposta por Van Dijk (2010, 2012), examinando as estratégias de categorização (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987), nominalização e referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), bem como a organização das informações nas notícias (VAN DIJK, 1988), a fim de recuperar os modelos mentais construídos sobre o Movimento, seus representantes e as questões sociais levantadas. Observamos que o discurso da grande mídia jornalística tende a uma conceptualização pejorativa do Movimento; que o Movimento posiciona-se como guardador de interesses sociais/democráticos; e que os comentários no *Facebook* tendem a reproduzir os mesmos modelos de evento elaborados pela grande mídia. Notamos, portanto, o papel da conceptualização através do discurso na (re)produção de saberes caros à convivência social, postos em jogo neste embate discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Modelos mentais. Sociocognição.

* Doutoranda no curso de pós-graduação em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: laura.jnc@gmail.com.

RESUMEN: En este estudio examinamos comentarios en respuesta a un post del Movimiento #OcupeEstelita en Facebook, y de dos artículos de periódicos para comprender las relaciones cognitivo-discursivas construidas entre distintos grupos sociales. Partimos de la perspectiva socio-cognitiva propuesta por Van Dijk (2010, 2012), examinando las estrategias de categorización (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987), nominalización y referencia (MONDADA; DUBOIS, 2003), así como la organización de las informaciones en las noticias (VAN DIJK, 1988), con el fin de recuperar los modelos mentales construidos sobre el Movimiento, sus representantes y las cuestiones sociales suscitadas. Observamos que el discurso de los grandes medios periodísticos tiende a una conceptualización peyorativa del Movimiento; que el Movimiento se posiciona como guardianes de los intereses social/democráticos; y que los comentarios en Facebook tienden a reproducir los mismos modelos de eventos elaborados por los grandes medios. Notamos, por lo tanto, el rol de la conceptualización a través del discurso en la (re)producción de saberes en la convivencia social, puestos en juego en este embate discursivo.

PALABRAS-CLAVE: Discurso. Modelos mentales. Sociocognición.

ABSTRACT: In this study we analyzed the comments written in response to a post by the action #OcupeEstelita on Facebook, and two newspaper stories in order to understand the cognitive-discursive relations established between distinct social groups. We adopted Van Dijk's socio-cognitive perspective (2010, 2012), analyzing the categorization (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987), the nominalization, and referentiation (MONDADA; DUBOIS, 2003) processes, as well as the manner how information is organized in news pieces (VAN DIJK, 1988), in order to recover the mental models created about the action, its representatives, and the social issues in question. We observed that the journalistic media tends to develop a pejorative conceptualization of the action; that the action places itself as the guardian of social/democratic interests; and that comments on Facebook tend to reproduce the same event models developed by the journalistic media. We realized, thus, that the role of conceptualization through discourse in the (re)production of socially relevant knowledge is at stake in this discursive clash.

KEYWORDS: Discourse. Mental models. Socio-cognition.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre discurso e sociedade tem sido bastante discutida em estudos linguísticos. Aqui, nos voltamos a este tema mais estritamente, dentro do quadro teórico da Linguística Cognitiva, numa tentativa de explicar como se constitui esta relação. Consideramos que o discurso materializado linguisticamente, sendo um ato social, é também resultado de escolhas linguístico-discursivas sócio-cognitivamente orientadas que podem dar acesso aos posicionamentos dos atores sociais que os produzem. Entendemos, portanto, que é através de construtos linguístico-cognitivos que se estabelecem, reforçam ou subvertem conhecimentos ideológicos que subsidiam parâmetros socialmente e politicamente legitimados, no caso deste estudo, em relação a questões de desenvolvimento urbano.

O evento particular que analisamos é a contestação da aprovação, pelo prefeito da cidade de Recife, de uma lei que permite a continuidade de um projeto imobiliário – Projeto Novo Recife (doravante PNR) – contra o qual se posiciona o Movimento #OcupeEstelita. Em demonstração de protesto, integrantes do Movimento acamparam em frente ao edifício onde mora o prefeito, entre os dias 07 e 09 de maio de 2015. Para o desenvolvimento deste estudo, analisaremos duas matérias jornalísticas (uma do Jornal do Commercio e outra do Diário de Pernambuco¹) e comentários de uma postagem na página do Facebook do Movimento sobre o acampamento. O objetivo é observar a (re)produção de modelos mentais, de representações sociais e modelos de contexto que reforçam ou subvertem o posicionamento hegemônico em relação ao conflito simbolizado pelo acampamento. De maneira mais ampla, dentro do quadro da Análise Crítica do Discurso, procuramos apontar como as relações entre o discurso jornalístico e o discurso social mantêm uma relação dialética.

Seguindo a linha de estudos sociocognitivos desenvolvida por Van Dijk (2010; 2012), consideramos que a interface cognitiva é o *locus* da mediação entre discursos e realidade social. Desta forma, buscamos compreender os conhecimentos e posicionamentos

¹ A grafia é a mesma adotada pelos veículos jornalísticos.

(re)produzidos nas notícias e comentários do Facebook a partir de elementos de natureza sociocognitiva chamados pelo teórico de modelos mentais, representações sociais e modelos de contexto. Estes elementos, uma vez concretizados no discurso através de diferentes recursos linguístico-cognitivos e discursivos, dão acesso às ideologias e ao conhecimento de grupo sociais.

Nesta perspectiva, entendemos a linguagem como atividade construtora do mundo. A ação de *conhecer* é muito mais uma ação de construção, negociação, interpretação e definição de sentidos do que de identificação, posicionamento teórico que vai de encontro às teorias representacionistas do conhecimento (MARCUSCHI, 2007; MONDADA; DUBOIS, 2003; LAKOFF, 1987).

Seguindo esta linha, assumimos que quando se fala do Movimento ou do Projeto Novo Recife (PNR) nas notícias e comentários, não se trata do Movimento ou PNR *em si*, objetos-do-mundo, mas de um construto cognitivo, *objetos-de-discurso*, “[...] cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas [...]” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 35). Devido a esse processo de semiotização, passamos a conferir a estes objetos-de-discurso certos atributos e sentidos ao longo do processo de categorização e referenciação. Sendo assim, o ato linguístico-discursivo da referenciação *não* é um ato passivo (o simples reconhecimento de um objeto), mas ativo, em que se atribui uns e não outros valores e traços ao objeto-de-discurso. Da mesma forma, a construção de um texto (falado ou escrito) não é a simples expressão de fatos sobre um determinado evento, mas a conceptualização do evento segundo certos pontos de vista.

Os modelos mentais, segundo a definição de Van Dijk (2012, p. 92), “[...] não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias [...]”. Os modelos mentais, portanto, são construtos individuais, na medida em que são interpretações subjetivas de eventos, mas também socialmente constrangidos, pois a base para a sua construção encontra-se em representações dos mesmos eventos social e culturalmente compartilhadas (os conhecimentos referidos na citação do autor). Esses conhecimentos ativados, (re)construídos e solicitados nos textos concretos, nas notícias e comentários, têm sua aplicação estratégica na “[...] produção e compreensão dos pronomes, dos demonstrativos, das expressões definidas e indefinidas, e assim por diante [...]” (VAN DIJK, 2012, p. 131). Conforme Silva (1997, p. 24-25):

Cada construção sintáctica particular reflecte uma organização cognitiva específica por parte do conceptualizador da cena, e variações formais reflectem variações conceptuais, bem como construções competitivas representam organizações alternativas de uma cena.

Analizamos estes aspectos formais para acessar como foi construído o conhecimento acerca do Projeto, do Movimento e seus representantes e das questões suscitadas pelo conflito nos jornais e *Facebook*.

Considerando que a mídia jornalística constitui um grupo social com acesso exclusivo a um meio de produção discursiva considerado de prestígio, configura-se a importância de se analisar a produção discursiva desses veículos, vistos como formadores de opinião:

Controlando o acesso ao discurso público, só se permitem expressar e circular formas específicas de conhecimento e opinião, e estas podem conduzir persuasivamente a modelos mentais e representações sociais que servem aos interesses dos poderosos (VAN DIJK, 2000, p. 207, tradução nossa).²

Em lugar de constituir canais neutros de veiculação de informação objetiva, os textos produzidos pela mídia jornalística configuram espaços discursivos abertos a processos ideológicos. A análise das estratégias linguístico-cognitivas empregadas, aliada às considerações sobre o contexto sociopolítico e sociohistórico, conduz à diferentes interpretações (ideológicas) que se pode obter dos textos jornalísticos.

² No original: “Controlando el acceso al discurso público, sólo pueden expresarse y circular formas específicas de conocimiento y opinión, y éstas pueden conducir persuasivamente a modelos mentales y representaciones sociales que sirven a los intereses de los poderosos.” (VAN DIJK, 2000, p. 207).

Van Dijk (2010) ressalta ainda que, por serem textos públicos, as notícias, matérias e reportagens podem ser avaliados por diferentes grupos com os mais variados níveis de criticidade. Isso acarreta que, apesar de postularem objetividade e neutralidade, nos textos jornalísticos existe a “[...] possibilidade de o poder ser exercido e formulado de maneiras mais indiretas, veladas e formalizadas, em especial, quando tal poder não é estabelecido legal ou organizacionalmente [...]” (VAN DIJK, 2010, p. 73). Isso implica a utilização de técnicas argumentativas e persuasivas nos textos, muitas vezes, veladas. Insere-se nesse contexto, a importância do trabalho analítico para desvendar esses empregos linguístico-cognitivos e possíveis movimentos manipuladores e persuasivos dos discursos midiáticos.

Um dos objetivos desta pesquisa, portanto, é verificar, através da análise da (re)produção de modelos mentais de conhecimento e representações sociais, se os veículos jornalísticos manipulam ou desinformam, privilegiando o discurso hegemônico em detrimento do discurso contra-hegemônico (neste caso específico, do Movimento #OcupeEstelita). Assim, “[...]o que está em jogo não é o jornalismo ser o retrato da realidade, mas ser o sujeito [ou grupo social] privilegiado que propõe sua versão pública dos fatos [e silencia outras] [...]” (SILVA, 2009, p.187). A forma como hoje, em grande parte das sociedades ocidentais, se configura e legitima o poder social não é mais apenas através da força, do poder coercitivo ou disciplinar da era industrial. Na chamada “sociedade da informação”, poder social legitimado é controle sobre o discurso, sobre sua produção e disseminação, ou seja, também em termos de acesso, como aponta Van Dijk (2010, p. 23): “Muitas formas de poder contemporâneo, contudo, devem ser definidas como poder *simbólico*, isto é, em termos do acesso preferencial a – ou controle sobre – o discurso público.”

Contudo, não podemos considerar estas relações mecanicamente, ou de forma direta. O discurso jornalístico é também efeito de processos discursivo-cognitivos desenvolvidos no meio social. Como aponta Van Dijk (2010, p. 43), “[...] o exercício do poder não se limita simplesmente a uma forma de ação [de um grupo sobre outro], mas consiste em uma forma de interação social [...]” em que os grupos dominantes atuam de maneira indireta, “[...] por meio da ‘mente’ das pessoas, por exemplo, controlando as informações ou opiniões [...]” (VAN DIJK, 2010, p. 42). Examinaremos o discurso construído em comentários no *Facebook*, a fim de verificar se (re)produzem conhecimentos compartilhados nos jornais, examinando diferentes recursos linguístico-discursivos que recuperam certa estrutura ideológica hegemônica, e como o discurso contra-hegemônico é incorporado nos meios noticiosos.

2 ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO: A (RE)PRODUÇÃO DE MODELOS HEGEMÔNICOS NEOLIBERAIS

Uma análise das reportagens dos dois jornais impressos de maior circulação do Recife, *Jornal do Commercio* (JC) e *Diário de Pernambuco* (DP), do dia 09 de maio de 2015, revela que ambos os veículos constroem um ideário comum em relação ao Movimento, indiretamente, ao Projeto Novo Recife, e às questões tangenciadas pelo conflito, qual seja uma macroestrutura que posiciona o #OcupeEstelita como ameaça à propriedade privada, compreendida dentro do *frame* ideológico capitalista.

A noção de *frame* aqui adotada é de “[...] domínio cognitivo [...] que reúne conhecimento compartilhado em relação às expectativas socioculturais [...]” (FERRARI, 2011, p. 34) relacionado a um dado objeto-de-discurso. Ou seja, um tipo de domínio cognitivo que implica sistematicamente certos elementos, neste caso, de acordo com a ideologia capitalista. Assim, estaremos lidando com modelos mentais sobre propriedade (privada), os direitos dos proprietários, os deveres dos cidadãos etc. dentro da lógica neoliberal capitalista. O grupo dos moradores do edifício, vizinhos do prefeito do Recife, nesta conjuntura particular, são posicionados como estando contra o #OcupeEstelita, devido ao acampamento em frente ao edifício, que invade o “nosso” espaço privado. Conseqüentemente, nas representações sociais mais amplas sobre o conflito entre o Movimento e o PNR, estes moradores atuam nestas matérias jornalísticas, como um grupo aliado ao grupo hegemônico (do PNR).

De modo que, quando a fala dos moradores (representados na voz da síndica), dos proprietários de pontos comerciais e clínica da mesma rua e do delegado são as falas mais recorrentes nas matérias, os jornais demonstram uma seleção tendenciosa na apuração das informações. A questão do acesso à produção discursiva, ao espaço no jornal, discutida por Van Dijk (2000; 2010) como forma de controle discursivo, neste caso também deixa entrever um elemento importante do modelo de contexto construído por ambos os veículos jornalísticos: os participantes que devem ser considerados mais relevantes neste conflito são os aliados do PNR.

O modelo de contexto comunicativo mais geral é o da notícia. Porém, se analisarmos mais detidamente o modelo de evento que se está noticiando, com a escolha de tópico sendo “transtorno”, “danos” e “prejuízos” causados pelo acampamento do Movimento, notamos que se trata de uma notícia condenadora e denunciadora da ação do #OcupeEstelita. Muito aos moldes das notícias que reportam os danos e prejuízos provocados por grevistas, por exemplo. O que os jornais consideraram como informação relevante, e em que partes da estrutura da notícia essas informações figuram, são indicadores do modelo de contexto adotado para a notícia e para o evento.

Em termos de localização das informações e das falas nas notícias, temos que de acordo com Van Dijk (1988; 2010), a notícia, enquanto gênero institucionalizado, tem sua estrutura convencionada de modo que deve haver um título, subtítulo e *lead* (ou pelo menos o título e *lead*), antecedendo a narração mais detalhada do evento propriamente dita. Destas categorias esquemáticas, o título/manchete é uma das mais significativas em estabelecer o sentido global da notícia, pois o que é tomado como relevante na visão do jornal vai ser salientado no título das notícias. A forma como é topicalizada a notícia tende a servir de guia para a interpretação/compreensão do texto: “Tópicos são cruciais para o entendimento geral de um texto, por exemplo, no estabelecimento de coerência global; além disso, no micronível, eles agem como um controle semântico *top-down* sobre a compreensão local [...]” (VAN DIJK, 1988, p. 35, tradução nossa)³. De modo que o que é posto como tópico ajuda a guiar a interpretação de proposições locais do texto. Apontamos que embora a manchete do JC não trate diretamente dos danos, a chamada (na capa do caderno), o faz: “Condomínio pede saída de ativistas e denuncia *depredação*”, bem como o subtítulo: “Representante do edifício onde o prefeito Geraldo Julio mora alega que os ativistas *fazem barulho, dificultando a acessibilidade das 74 famílias residentes*” (SÍNDICA..., 2015, p. 2, grifos nossos). No DP, a manchete é mais contundente: “Protesto continua e transtornos aumentam” (PROTESTO..., 2015, p. a8). Ambos os *leads* (primeiro parágrafo das notícias, considerado espaço em que figuram as informações essenciais e mais relevantes) reforçam o tema dos danos materiais sofridos pelos moradores.

Percebemos que ambos os jornais selecionam e evidenciam como relevantes as informações que reforçam o modelo de “transtornos” e “depredação” propostos nas manchetes e subtítulos, quando utilizam mais da metade do corpo da notícia para relatar as ações contra a integridade do edifício, dos estabelecimentos comerciais e propriedades do entorno (no JC, 6 de 8 parágrafos, e no DP, 6 de 9 parágrafos). Além disso, ambas as matérias trazem fotografias dos muros e estação de ônibus próxima ao local com pichações (Figura 1), e desenvolvem sua macroestrutura discursivo-cognitiva apoiada no modelo mental referente ao dano físico à propriedade privada, em que há um agente que danifica e um paciente que é danificado/lesado, como evidenciado pelo campo lexical selecionado para qualificar as ações realizadas pelos integrantes do Movimento: “depredação”, “pichação”, “destruir” etc. Vejamos abaixo alguns trechos:

Os moradores também prestaram queixa na Delegacia do Cordeiro contra a *depredação* do patrimônio. De acordo com a síndica, integrantes do OcupeEstelita *picharam* o muro, *quebraram* câmera e refletor, além de *destruir* a grama.

[...]

“o proprietário [...] teve o muro *pichado* e as câmeras de segurança *danificadas*” [fala do delegado].

[...]

“Vamos apurar, *depredação* do patrimônio é crime e quem fez, se for identificado, vai responder *inquérito policial*”, informa o delegado.

Pelo menos 22 imóveis, duas parada de ônibus, três postes e duas placas de propaganda amanheceram *pichadas*. (SÍNDICA..., 2015, p. 2, grifos nossos)

Protesto continua e *transtornos* aumentam [manchete]

O proprietário de uma empresa de segurança da rua que teve câmeras *danificadas* *prestou uma queixa* na Delegacia do Cordeiro.

“A queixa menciona a *depredação* do prédio, que foi *pichado*.” [fala do delegado]

[...]

³No original: “Topics are crucial in the overall understanding of a text, e.g., in the establishment of global coherence; and they act as a semantic, top-down control on local understanding at the microlevel” (VAN DIJK, 1988, p. 35).

“Plantas do prédio foram danificadas, ovos foram atirados na guarita e uma câmera foi quebrada”, contabilizou a síndica do edifício.
(PROTESTO..., 2015, p. a8, grifos nossos)

Ressaltamos que uma citação⁴ de uma fala do delegado constrói o ato de “depredação do patrimônio” como “é crime”, recuperando um modelo mental socialmente compartilhado, e que resulta na categorização dos que realizaram a depredação como criminosos, e suscita modelos mentais deste campo semântico. Ainda em outro trecho da reportagem, o delegado é citado dizendo que: “Esse cidadão [proprietário de uma casa vizinha] entregou imagens que provam o ato de *vandalismo*, gravadas às 6h de hoje (ontem)” (SÍNDICA, 2015, p. 2), evidenciando uma categorização dos atos supostamente realizados pelos integrantes do #OcupeEstelita também no domínio do “criminal”, e que gera uma categorização do próprio Movimento e de seus integrantes, reproduzida automaticamente em outras esferas discursivas (por exemplo, no *Facebook*).



Banheiro foi improvisado e estação acabou pichada

RECADOS Imóveis e paradas de ônibus foram pichados, na quinta, durante passeata entre os bairros do Derby e da Torre

Figura 1: Imagens publicadas nas matérias do DP (à esquerda) e JC (duas à direita)
Fonte: Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco (edições de 09 de maio de 2015)

A representação social da pichação nas matérias dos jornais pode ser explicada a partir do *frame* dos danos materiais dentro de uma ideologia capitalista, como comenta Tiburi (2013, p. 44):

A pichação é, na cidade, o antissistema, daí a sensação de terrorismo conceitual, furo no padrão tanto estético, quanto teórico da identidade ditada pelo capital e que se impõe à força pela ideologia do muro branco e pela administração da fachada.

A pichação, vista como violação da propriedade privada, como “[...] heresia justamente contra a sacrossanta propriedade privada por meio de uma curiosa tomada de posse [...]” (TIBURI, 2013, p. 41), nos remete novamente ao *frame* ideológico capitalista de compreensão destas superfícies expostas (dos edifícios privados ou públicos), adotado pelos jornais e retomado nos comentários no *Facebook* (como veremos adiante). Vejamos como exemplo, a fala da síndica do edifício, quando diz que: “eles estão acampados numa *propriedade privada*, esse jardim é *nosso*”, em tom de queixa/protesto. Ao colocar essa informação como relevante, a síndica, e o jornal que reporta esta fala diretamente, recupera e argumenta dentro da ideologia capitalista para o evento de acordo com o qual, acima de tudo, deve-se proteger o direito à propriedade privada.

É de acordo com a ideologia que orienta esse enquadre que é tomada a fala dos representantes do Movimento que figuram nos jornais. No JC, por exemplo, um integrante é citado, já no último parágrafo da matéria, dizendo que “Reunimos milhares de pessoas para protestar contra um prefeito autoritário e o projeto de um condomínio de luxo que não é bom para a cidade”, afirma o rapaz”

⁴ Tratamos as citações diretas como parte do discurso tecido pelos jornais, já que, uma vez incorporadas ao contexto da matéria, passam a significar aí e não podem ser tomadas como não-porosas. Seus sentidos contribuem para a macroestrutura da matéria, e vice-versa. Cunha (2008, p. 131) explica que o discurso reportado é o “[...] fenômeno dialógico por meio do qual os sujeitos desconstruem o discurso alheio e constroem o próprio para se posicionar em relação a um conteúdo ou temática, ao outro, a ele mesmo, ao seu próprio discurso.”

(SÍNDICA..., 2015, p. 2). Vemos aqui, que, quando tomado dentro de um enquadre que supervaloriza a propriedade privada, seu comentário chega a ser incoerente. Dentro da lógica capitalista, como poderia um condomínio de luxo *não* ser bom para a cidade? Notamos, portanto, que o discurso construído pelos dois veículos jornalísticos em questão utilizaram tanto de estratégias conteudistas (seleção lexical), como estratégias estruturais/formais (distribuição de informações no corpo da notícia, seleção de imagens, seleção de citações diretas) para montar seus esquemas cognitivos de representação para a compreensão do fato noticiado, e do próprio ato de noticiar este evento. Ao final, o que se vê nas reportagens é o *construal* de todo o evento dentro de um *frame* capitalista de compreensão do espaço físico público e privado, e dos direitos e deveres de cada participante nestes modelos mentais.

3 ANÁLISE DO DISCURSO NO FACEBOOK: A RETOMADA E (TENTATIVA DE) REFUTAÇÃO DOS MODELOS HEGEMÔNICOS

No mesmo dia em que foram publicadas as matérias dos jornais, na página do #OcupeEstelita no *Facebook*, o Movimento publicou uma nota em relação ao acampamento e à saída da rua do prédio do prefeito. Esta nota, por sua vez, gerou muitos comentários e respostas aos comentários, de pessoas a favor e contrárias ao acampamento, ao Movimento e ao PNR. Ao realizar a análise desses comentários, pudemos perceber a retomada (por vezes, quase literal, como na Figura 2, abaixo) dos modelos mentais, representações sociais e *frame* suscitados nas matérias dos jornais.

O modelo dos danos à propriedade privada se mantém em torno das questões de pichação e depredação, que são problematizadas tanto por aqueles contrários ao Movimento, como pelos apoiadores do #OcupeEstelita.

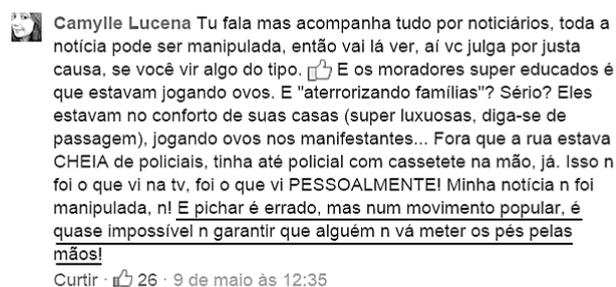
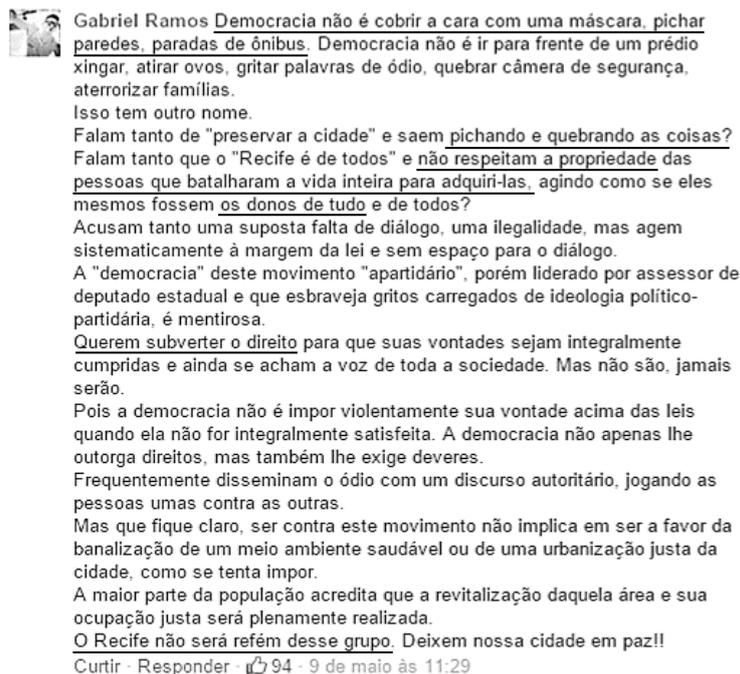


Figura 2: Postagens na página do MOE no Facebook sobre a pichação durante o ato em frente ao prédio do prefeito

Fonte: Página do Facebook do Movimento #OcupeEstelita

Dentro do marco da ideologia capitalista mais geral, outro modelo mental, além do modelo referente ao direito à propriedade privada é agregado para discutir a ação do Movimento: o dever (e legitimidade através) do trabalho. Este modelo, apesar de não referido diretamente nas matérias do jornal, faz parte do *frame* instanciado pela ideologia capitalista, à medida que só se obtém qualquer direito dentro deste quadro a partir de alguma contribuição à sociedade – se não monetária, pela oferta de trabalho. Assim, na lógica capitalista, só são reconhecidos como cidadãos de direito aqueles que trabalham, que contribuem para o capital. A partir da publicação da foto reproduzida na Figura 3, o jornal (Diário de Pernambuco) joga com esse modelo dentro do *frame* capitalista, ao retratar representantes do Movimento de forma a autorizar a categorização dos mesmos em outros discursos, como “desocupados”, conforme Figura 4.



Figura 3: Foto que ilustra integrantes do Movimento no acampamento

Fonte: DP de 09 maio 2015, Caderno Local

-  **Guilherme Silveira desocupados sim! vândalos!**
Curtir · 👍 1 · 9 de maio às 13:57
-  **Oscar Nóbrega Obrigado pelos adjetivos Guilherme! Minhas ideias se enquadram no meio dos vândalos! Discuta ideias, as propostas do movimento e do município, contraste-as! Fica feio pessoalizar e ainda mais denegrir, generalizar! Perde-se qualquer razão e um início de um diálogo saudavell**
Curtir · 👍 2 · 9 de maio às 14:22 · Editado
-  **Guilherme Silveira não dá p discutir nada com essas atitudes dignas de vandalismo! perdem qualquer razão que acham que tinham!**
Curtir · 👍 1 · 9 de maio às 14:23
-  **Guilherme Silveira e, sim, uma pessoa que passa 3 dias na frente de um prédio residencial, gritando até de madrugada, pra mim é um desocupado.**
Curtir · 👍 1 · 9 de maio às 14:28

Figura 4: Comentários no Facebook que retomam o modelo de “desocupado” para referenciar representantes do Movimento

Fonte: Página do Facebook do Movimento #OcupeEstelita

Este mesmo modelo de “desocupados” é retomado em outros comentários por outros atores contrários ao Movimento, como podemos ver abaixo (grifos nossos):

E a carteira *de trabalho* já foi assinada alguma vez?????

[...]

Pode ser boato, mas ouvi que o prefeito dispersou a manifestação em frente a sua casa usando de medidas muito drásticas... convocou um batalhão de choque da *Secretaria do Trabalho - STQE* e começou a emitir carteiras de trabalho para os manifestantes, com garantias de emprego... *Relatos dizem que foram testemunhados* atos de desespero entre os manifestantes, alguns chorando copiosamente por que se eles comessem a trabalhar seus pais iriam cortar os subsídios aos planos de dados 4G dos Iphones 5 deles!!!

Mais interessante, contudo, é ver que apoiadores do Movimento também retomam este modelo mental, reproduzindo o discurso hegemônico sobre a valorização do trabalho e a legitimação através do trabalho, ao tentar refutar as “acusações” de que seriam “desocupados”. Vejamos como este processo funciona no comentário transcrito abaixo:

Oi Guilherme, cara não sei se tu sabe mas... não é bem assim, o movimento *não feito por desocupados, e sim por cidadãos, sendo eles estudantes, professores de ensino básico, fundamental, médio e principalmente superior, profissionais de diversas áreas, aposentados e tudo mais*. Pessoas preocupadas com o futuro da cidade. [...] Não deixa o ato de 5% dos manifestantes acabar manchando a imagem do movimento na tua cabeça. Assim como os movimentos contra corrupção de 2013 em todo Brasil, onde poucos eram os vândalos e muitos eram as pessoas de bem.

É interessante notar como neste pequeno trecho se reafirma o valor do trabalho na sociedade configurada de acordo com o capital, ao elencar as profissões e ocupações dos supostos “desocupados”, pressupondo que assim se legitima o Movimento. Ressaltamos também o ato de valorização modalizada pela expressão “principalmente superior” para caracterizar os professores apoiadores do #OcupeEstelita.

Além desta categorização dos integrantes do Movimento, outras são suscitadas dentro de uma categoria esquemática do que representaria ser um apoiador do #OcupeEstelita, num processo produtivo e multiplicador de representações sobre este grupo de atores sociais em particular, conforme Silva (1997, p. 10), citando Langacker (1987), aponta:

Um esquema é uma caracterização abstrata que é totalmente compatível com todos os membros da categoria que ele define (de modo que a pertença não é uma questão de grau); é uma estrutura integrada que incorpora o que há de comum entre seus membros, (LANGACKER, 1987 apud SILVA, 1997, p. 10, tradução nossa).⁵

Para aqueles aliados do grupo hegemônico de poder, a categorização de integrantes do Movimento não é uma questão de grau (como na categorização prototípica), mas de especificidade. Uma vez integrante do Movimento, o indivíduo pode ser percebido como identificado com este esquema geral que abarca identificações desde “desocupados” a “militontos”, “mente vazia”, “vândalos”, “hipster”, “simpatizantes”, “sonhadores”, dentre outras. Esse esquema categorizador engloba o próprio Movimento, por sua vez, visto como “grupelho” que luta por uma “utopia”. A categorização que deslegitima o integrante do Movimento, deslegitima também o próprio Movimento.

Este é mais um efeito discursivo-cognitivo construído dialeticamente com os discursos dos jornais, que, por trás do marco da objetividade, relatam e descrevem as ações do #OcupeEstelita no acampamento em frente à casa do prefeito da seguinte maneira: “Enquanto alguns [integrantes do Movimento] tomavam banho de piscina, outros tocavam instrumentos e cantavam. Outro grupo se dividia para organizar a cozinha improvisada.” Em legenda da principal foto da mesma matéria, lê-se: “Ontem de manhã, fizeram uma aula de ioga” (PROTESTO..., 2015, p. a8). O jornal não relata ou informa sobre a proposta do Movimento, mas o conceptualiza como uma caricatura de si mesmo, ao passo que alimenta o esquema dos “desocupados”.

⁵ No original: “[...] an abstract characterization that is fully compatible with all the members of the category it defines (so membership is not a matter of degree); it is an integrated structure that embodies the commonality of its members” (LANGACKER, 1987, p. 351).

Reconhecemos a impossibilidade de precisar em que esfera estes esquemas categorizadores, *frames*, modelos mentais e representações sociais foram fundados e especificados, mas podemos reconhecer a identificação ideológica entre diferentes grupos sociais através da análise destes elementos cognitivos suscitados nos discursos tecidos por atores destes grupos. Fica o alerta para a maneira como esses elementos normalmente tidos como estritamente linguísticos (escolhas pessoais dos indivíduos falantes, na tradição pragmática), ou generalizadamente como crenças, atitudes ou ideologias de grupo, funcionam no “controle das mentes” de qua trata Van Dijk (2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão que desenvolvemos neste artigo poderia e deveria ser ampliada para discutir elementos mais específicos da natureza cognitiva do discurso e do conhecimento, analisar, a partir de corpora adicionais, a via contrária daquela identificada aqui, ou seja, como o debate público influencia a agenda dos jornais, especificar cada vez mais a relação entre discurso-cognição-sociedade de maneira que o abuso do controle discursivo e o poder social resultante seja cada vez mais claramente entendido e identificado.

Por ora, ressaltamos como neste estudo, através da associação da análise crítica com uma análise sócio-cognitiva do discurso, demonstramos que o *Facebook*, apesar de considerado espaço de resistência e militância, pode ser também espaço para a reprodução de discursos conservadores que reforçam ideologias e modelos hegemônicos de poder. Além disso, e mais contundentemente, apontamos como, por vezes, o próprio ativista social opera cognitivamente dentro do *frame* contra o qual se posiciona, possivelmente anulando seus esforços. Daí a necessidade de se pensar as categorias cognitivas associadas a processos linguístico-discursivos, para poder identificá-las e, mais importante ainda, subvertê-las, de fato.

REFERÊNCIAS

CUNHA, D. A. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 129-144, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca22/arqs/matraca22a07.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2015.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago, The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Theoretical prerequisites, vol. 1, Stanford, California, Stanford University Press, 1987.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

PROTESTO continua e transtornos aumentam. *Diário de Pernambuco*. Recife, 09 maio 2015, Caderno Local, p. a8.

SÍNDICA pede saída de manifestantes. *Jornal do Commercio*, Recife, 09 maio 2015, Caderno Cidades, p. 2.

SILVA, A. S. da. A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 1, p. 59-101, 1997.

SILVA, M. O. Jornalismo e Representação do Mundo. In: DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C.; BARROS, K. (Org.). *Um linguista, orientações diversas*. Recife: Editora da UFPE, 2009. p. 187-199.

TIBURI, M. Direito visual à cidade. *Redobra*, n. 12, ano 4, 2013, p. 39-53. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/revista_redobra12_virtual.pdf> Acesso em: 03 ago. 2015.

VAN DIJK, T. A. *News as discourse*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1988.

_____. *Ideología: una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona, España: Gedisa, 2000.

_____. *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em 25/10/2015. Aceito em 29/02/2016.